

Dívida pública aumentou 1,63%

BRASÍLIA – A dívida líquida do setor público fechou o primeiro semestre do ano com um saldo de R\$ 491,06 bilhões, o que significa um aumento de 1,63% em relação ao mês anterior, embora a conta dos juros tenha caído no mesmo período. Esse resultado não chega a ser uma má notícia, já que, em relação ao Produto Interno Bruto, a dívida está em 49,8% do PIB, valor inferior às estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI) para o período, que eram de 51,7%.

O chefe do Departamento Econômico do Banco Central (BC), Altamir Lopes, acredita que a dívida do governo só deve começar a cair a partir do próximo ano. A expectativa do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e do FMI é de que esse número chegue a 46% do PIB no fim de 2001. A maior parte da dívida continua vinculada aos títulos pós-fixados – de acordo com dados do BC, representam cerca de 90% dos compromissos do governo.

No início do ano, a equipe econômica anunciou que o objetivo era diminuir cada vez mais o volume da dívida com remuneração pós-fixada. Mas as turbulências sentidas pelo país não permitiram que a redução fosse expressiva. Em janeiro, os títulos remunerados pela taxa Selic representavam 57,9% do total, enquanto os cambiais estavam em 30,4%. Os papéis prefixados, por sua vez, estavam em apenas 6% do total. Em julho, essa diferença não muda muito. Os títulos indexados à Selic subiram para 61,3% e os cambiais caíram para 24,3%. Já os prefixados aumentaram para 10,7%.

Aumento de oferta – Os papéis prefixados devem continuar aumentando, já que o Tesouro Nacional mantém a política de lançar no mercado títulos com remuneração fixa. O que deve deteriorar a partir de agosto é a parte da dívida atrelada ao dólar. Para combater os últimos movimentos do mercado, que pressiona a

cotação da moeda americana, o BC vem aumentando a oferta de papéis cambiais.

Ontem, o Tesouro Nacional conseguiu vender os 2 milhões de títulos com remuneração prefixada, as Letras do Tesouro Nacional (LTN). A taxa média do leilão ficou em 22,31% ao ano, o que quer dizer que o mercado continua apostando em uma taxa de juros mais elevada do que aquela que vem sendo praticada no mercado hoje.

A taxa básica da economia (Selic) está em 19,5% ao ano, pelo menos até a próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), marcada para a quarta-feira da próxima semana. Mesmo assim, o resultado do leilão de ontem ainda foi melhor do que o da última terça-feira, quando o mercado pediu 23,15% para ficar com os papéis do governo. Hoje, o Banco Central tentará vender mais 1,350 milhão de títulos cambiais, as Notas do Banco Central – Série Especial (NBCE). (V.O.)